

Um olhar diferente para a mesma palavra: o sofrimento existencial de Laura e a terapia fenomenológica existencial

ARTIGO

A different look at the same word: Laura's existential suffering and existential

Rosane de Miranda Muniz**Resumo**

O presente artigo procura trazer uma compreensão de um caso clínico, à luz da ontologia existencial do filósofo Martin Heidegger (1889-1976) e a sua analítica do *Dasein*, denominada daseinsanalítica. Esse pensamento é trazido pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Medard Boss (1903-1990), para embasar sua maneira de abordar o fenômeno patológico em sua atividade clínica. Com a aliança entre os pensamentos de Heidegger e Boss, traremos a compreensão do modo de ser impróprio em Heidegger, o qual vem a ser o modo primário do *Dasein*, que, apesar de condicionante, também é possibilitador de transformação. Também traremos aspectos gerais de um caso, baseados em uma experiência clínica, iniciada com a chegada da paciente à terapia, após vivenciar uma situação limite (separação conjugal), além do esclarecimento de algumas dimensões da sua experiência, a partir da perspectiva de Boss, sobre como realiza seu existir e sobre a noção de restrição (ou privação).

Palavras chaves: sofrimento; existência; clínica; fenomenologia-existencial.

Abstract

The present article intends to reflect on a clinical case in light of the existential ontology proposed by the philosopher Martin Heidegger (1889-1976) and his analysis of the *Dasein* (daseinsanalysis). This perspective is used by Swiss psychiatrist and psychotherapist Medard Boss (1903-1990) to support his approach on the pathological phenomena in his clinic. Through the intertwining of thoughts by Heidegger and Boss, we will dwell on the understanding of the "improper" proposed by the former, which comes to be the primary mode of *Dasein*, that, although conditioning, is also an enabler of transformation. General aspects of a clinical case (initiated after a limiting situation, i.e., marital separation) will also be examined and some dimensions of her experience will be clarified from Boss's perspective, especially regarding her existence and notions of restriction (or deprivation).

Keywords: suffering; existence; clinic; existential phenomenology.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.



Psicopatol. Fenomend. Contemp.
2023; vol 12 (3): 15-37

Published Online
20 de dezembro de 2023
<https://doi.org/10.37067/rpf.c.v12i3.1136>

Rosane de Miranda Muniz

Mestranda em Psicologia Clínica pela PUC SP, especialista em psicologia Fenomenológica e Hermenêutica pelo Instituto Dasein/SP e em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

Contato:
psi.rosamuniz@gmail.com

Introdução

Compreender o ente humano como *Dasein*¹ significa romper com a dualidade sujeito-objeto e, portanto, “com as teorias e os modelos conceituais mais habituais da psicologia e da medicina, que estão apoiados nas noções de ser vivo, de sujeito, de razão, de vontade ou de impulso” (Cardinalli, 2022, p. 327). Isso ocorre por não haver mais um sujeito que continue a existir frente a um objeto e vice-versa, “mas sim, uma co-pertinência entre o mundo e o *Dasein*. Em tal perspectiva, a dicotomia sujeito-objeto dá lugar a uma articulação do *Dasein* com o mundo” (Tonin, 2015, p. 62).

A compreensão do ser do *Dasein*, que se revelou a partir de Heidegger, como o ser do existir humano, rompe com pressupostos gerais da psicologia científico-natural, pois, para o filósofo, o humano não é fundamentalmente consciência (consciência-corpo, consciência-mundo). O ente humano deve ser compreendido sempre por sua condição de estar/ser no mundo², de estar/ser com os outros e de ser-para-morte (que se define no fluir do tempo: é uma abertura finita e histórica). Dessa maneira, não pode ser concebido como algo provido de categoria e propriedade. Sua essência é existência.

Casanova (2017) ressalta que, na fenomenologia, as noções de interioridade e essencialidade (natureza) não são consideradas no movimento de ser humano, e sim sua possibilidade que se abre no tempo³ finito do seu ser. Existir significa *ek-sistir*, ou seja, ser arremessado para fora de si, jogado em direção ao horizonte histórico (mundo) de realização de si (constituição de si mesmo).

O autor ainda nos explica que *jogado*⁴ é uma palavra do próprio Heidegger. Jogado, *Dasein* está entregue, com efeito, à responsabilidade por ele mesmo e por seu poder-ser enquanto ser-no-mundo. Um mundo em que ele existe faticamente

¹ *Dasein* (ou ser-aí ou presença como definidos por outros autores) foi denominado por Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo* (1927), como o ser do existir humano, um ente capaz de entender as possibilidades das relações com o mundo e consigo mesmo e retomar a pergunta sobre o sentido do ser.

² Mundo como totalidade significativa sempre articulada por sentido.

³ Sobre o tempo, Cardinalli, 2012, reforça que o tempo para Heidegger não pode ser compreendido pelo conceito de tempo tradicional, e traz uma citação do filósofo: “o tempo é o ponto de partida da qual a presença sempre compreende e interpreta implicitamente o ser. Por isso, deve-se mostrar e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação do ser” (p. 55). *Dasein* não apenas conta tempo, ele precisa do tempo para realizar-se.

⁴ No sentido de que não há um ponto de partida, mas o projetar-se.

com outros. “De saída, e na maioria das vezes, o si mesmo está perdido no impessoal” (p.163).

Impessoal (desviar-se de si)

Na medida em que adere às interpretações do mundo, *Dasein* se deixa absorver no ambiente que o circunda e segue as orientações complexas lá presentes, guiado pelas conexões instrumentais. Ele não é em virtude de si mesmo, mas em virtude do mundo. Portanto, em virtude do impessoal (imerso na capa de preconceitos sedimentados, pela assunção do poder normativo e normatizante do mundo circundante sobre si). Lá se preserva, em segurança, com a familiaridade conquistada, na constância do existir:

[...] exatamente na medida em que se deixa orientar pelas totalidades conformativas previamente abertas pelo mundo circundante que é o dele, o ser-aí já se encontra necessariamente em um espaço existencial no qual os outros não apenas estão copresentes, mas no qual ele se confundi diretamente com os outros. Assim, a situação originária do existir não aponta para a presença de um ser-aí isolado, desprovido de um vínculo ulterior a ser um dia construído. [...] Jogado na existência, o ser-aí experimenta de saída a si mesmo, a partir da absorção na significância cotidiana, na totalidade de significados sedimentados que se abre para todo e qualquer ser-aí que compartilha um mundo”. (Casanova, 2017, p. 127-128)

Inserido no mundo, *Dasein* vai compreendendo-o, envolvendo-se, a partir dele. No mundo não há somente instrumentos necessários ao uso do cotidiano (utensílios) e objetos, *Dasein* coexiste com outros *Daseins*, de maneira que a socialidade entre si constitui a significação.

[...] Heidegger apresenta a estrutura existencial do ser-com, indicando que o *Dasein* não apenas tem comportamentos intencionais para com os outros, mas que também, em sua constituição de ser, sempre está presente a compreensão do que é ser um *Dasein*. Portanto, *Dasein* possui o sentido de ser da co-existência, ele é um estar-aí-com os outros. Por um lado, na lida mundana com estes utensílios, o *Dasein* possui uma relação de ocupação (*Bersorgen*), por outro lado, com os entes que possuem o mesmo modo de ser que o seu, a relação é de solicitude (*Fürsorge*), uma estrutura que se refere ao preocupar-se com o outro. [...] Para Heidegger, de pronto e no mais das vezes, o modo cotidiano em que os outros se apresentam para mim e em que eu estou com os outros é o modo da impessoalidade (*Das Man*). (Tonim, 2015, p. 61)

Mantendo-se regular no modo nomeado por Heidegger de “alguém”, sua compreensão sobre si mesmo desenvolvida no mundo está contida na fala pública, pois, ouvindo-a e repetindo-a, *Dasein* vai se compreendendo. Tonim (2016) complementa que, estando em relação com outros, na cotidianidade *Dasein* é destituído de individualidade própria, a presença de outros *Daseins* e a sua presença frente a outros não ocorrem de maneira singular e individual, mas justamente sem existência própria e pessoal; é o que Heidegger denomina de impessoalidade.

Trata-se de uma espécie de desresponsabilização, estar disperso em meio aos outros e retirar-se de si o peso das decisões. [...] Não podemos pensar a impessoalidade como um estado de não ser um “eu mesmo”. Pelo contrário, é justamente no meu “eu mais próprio” que me encontro desresponsabilizado. *Nada impede que o indivíduo possa responder por si mesmo e que ocorra a modificação existencial do singular, aquilo que o filósofo chama de ser autêntico.* (Tonim, 2015, p. 67, grifo nosso)

Na citação do fim do § 26, de *Ser e Tempo*⁵⁵, trazida por Tonim (2015): “a-gente é no modo do não-ser-si-mesmo e da impessoalidade. [...] Nesse modo-de-ser o *Dasein* é um *ens realissimum*, se se entende “realidade” como ser conforme-ao-*Dasein*” (p. 68). O autor nos explica que, na tradição ontoteológica, *ens realissimum* significava o fundamento de determinação das coisas em geral e, assim, a impessoalidade representa a fonte elementar de toda compreensibilidade. Por isso, Heidegger a compara ao *Dasein* impessoal e também afirma ser a chave para compreensão da análise do impessoal, não de maneira crítica às culturas de massas, e, sim, como a base a partir de que se determinam todas as realidades possíveis da existência. E traz outra citação de *Ser e Tempo* para clarear esse entendimento: “gozamos e nos satisfazemos como a gente goza; lemos, vemos e julgamos sobre a literatura e arte como a gente vê e julga; mas nos afastamos também da ‘grande massa’ como a gente se afasta” (p. 69):

[...] Heidegger não se refere a um tipo de fenômeno da sociedade moderna, da cultura de massas. Ele não está fazendo um apontamento para um fenômeno culturalmente independente. Se assim fosse, os índios da Amazônia não seriam impessoais por não estarem no contexto das sociedades de massas. Se analisarmos essa e outras passagens, veremos que o filósofo não se refere a um fenômeno específico da sociedade moderna, como uma espécie de crítica a uma teoria da alienação. [...] a significatividade

⁵⁵*Ser e Tempo* (1927) é uma obra de Martin Heidegger (1889-1976) na qual o pensador desenvolve a analítica do *Dasein* e a *Daseinsanalyse*, com o propósito de responder à questão do *Ser*.

é socialmente constituída, mas especificamente, e constituída por uma sociedade impessoal. Nesse sentido, a análise do modo de ser impessoal não é projetada no sentido de uma crítica à sociedade moderna, mas se preocupa muito mais em colocar a estrutura do impessoal como uma estrutura fenomenológica, constitutiva da significatividade, de tal modo, a dizer que sem a impessoalidade não haveria significações. (Tonim, 2015, p. 69)

O autor conclui que, na analítica existencial de Heidegger, o *Dasein*, em sua própria estrutura existencial, possui uma intencionalidade para com os outros *Daseins* e, portanto, é estruturalmente social. O sujeito da cotidianidade é sempre alguém cuja identificação própria acontece de maneira impessoal.

Complementando esse pensamento, Bicca (1999) afirma que isso não quer dizer que *Dasein* não tem nenhuma compreensão de si, mas faz com que ele tenha uma compreensão imprópria de si.

[...]- aquela determinada e proporcionada pelas coisas e pelos homens aos quais estamos entregues em nossa vida cotidiana. **Essa compreensão-de-si-primária, porém imprópria, é efetivamente uma pré-compreensão condicionante, possibilitadora de atitudes em face de algo.** É uma componente central daquela rede de crenças prévias, valores e hábitos recebidos e portados por cada um, de opiniões já formadas que atuam quase irrefletidamente prefigurando comportamentos e maneiras de relacionar-se com as coisas integrantes do mundo de cada um. (p.12, grifo nosso)

Assim, a “existência mais autêntica não está alienada no sentido de uma forma de existir que não está de acordo com seu ser, ou seja, a impessoalidade não é um obstáculo a ser superado, mas uma estrutura formal da existência cotidiana e mediana” (Tonim, 2015. p. 74).

O processo terapêutico de orientação fenomenológica existencial-hermenêutica

Uma proposta psicoterapêutica de orientação fenomenológica existencial-hermenêutica, na perspectiva da *Daseinsanalyse*⁶, pensa uma psicologia sem psiquismo, pois compreende os problemas ditos psíquicos não como “problemas da interioridade, nem orgânico, nem da semântica interna – enfim, não são problemas

⁶ Cardinalli (2022) ensina que a palavra *Daseinsanalyse* surge na obra *Ser e Tempo*. Nos Seminários de Zollikon, entre 1959 e 1969, Heidegger sugere dois outros sentidos para palavra: “*Daseinsanalyse* Clínica”, referente ao trabalho clínico terapêutico, e “*Antropologia Daseinsanalítica*”, que se subdivide em *Antropologia Normal* e *Patologia Daseinsanalítica*, considerando o estudo dos fenômenos humanos situados em seu contexto histórico-social.

do eu. São problemas do projeto existencial, da relação ser-aí e mundo” (FEIJOO, 2000, p. 112).

Cardinalli (2016) nos explica que Boss, seguindo o pensamento de Heidegger, compreende as doenças humanas como maneiras do existir, ou seja, “não prioriza o entendimento das doenças mesmas, mas sim daquele ser humano que está doente” (p. 67). A doença e o adoecimento, para Boss, são pensados como restrição da “liberdade de alguém em realizar as suas possibilidades de ser” (p. 67). A mesma autora (2022) ainda ressalta que Boss ao compreender as doenças como privação⁷ na liberdade de realização de seu existir, inova a compreensão habitual das doenças, ao pensá-las como modalizações do existir. Não há simplesmente uma doença compreendida como entidade isolada em si mesmo” (p. 328). Portanto, o fundamento do seu pensar está no campo das possibilidades e das privações.

[...] a essência fundamental do homem sadio caracteriza-se precisamente pelo seu poder-dispor livremente do conjunto de possibilidades de relação que lhe foi dado manter com o que se lhe apresenta na abertura livre de seu mundo. (Boss & Condrau, 1997, p. 29)

Assim, considerando que o humano realiza sua existência sendo no mundo (e, portanto, temporal e histórico⁸), junto aos outros em um mundo compartilhado, a compreensão da experiência do paciente deve ser o foco do processo terapêutico.

[...] Essa compreensão é baseada na explicitação ontológica do ser do Dasein, ou seja, no existir humano entendido como ser no mundo, abertura, espacialidade, temporalidade, ser-com, afinação, historicidade e mortalidade. Assim, o terapeuta procurará compreender a experiência do paciente sempre situada em contextos de significações, ou seja, na totalidade de relações referentes e significativas que constituem o mundo de uma determinada pessoa. Nesse sentido, Boss⁹ salienta que, quando a psicoterapia é entendida como Daseinsanalyse, a palavra análise não é pensada como uma análise química que implica a decomposição em pequenas partes, pois na análise existencial busca-se a experiência do paciente, o esclarecimento da articulação do todo e não a decomposição de partes isoladas (Cardinalli, 2022, p. 330).

7 Sobre privação, a autora em rodapé traz uma citação de Heidegger no livro *Nos Seminários de Zollikon* “o notável que toda a profissão médica dos senhores se move no âmbito de uma negação, no sentido da privação”, esclarecendo que quando o médico ou psicólogo se deparam com a doença de alguém, lidam com a privação da saúde (que falta e precisa ser recuperada).

⁸ Cardinalli (2016), cita Nunes no livro *Passagem, para o poético*. [...] na ideia de que o homem, como *Dasein* é um ser-no-mundo, e como ser-no-mundo é temporal e histórico (p.48).

⁹ Em nota, Cardinalli referencia esse pensar de Boss, M.; *Psychoanalysis & Daseinsanalyse*. New York: Basic Books; 1963.

A autora ainda pontua que, nessa perspectiva, o(a) psicoterapeuta não deve priorizar somente o esclarecimento do que o paciente vive, limitando-se ao relato dos acontecimentos (fatos descritos de sua existência), mas sim ficar atento(a), demorar-se na compreensão de como ele corresponde e se relaciona com o que revela em seu mundo, “procurando assim esclarecer o significado e o sentido dessa experiência, e observando também se o paciente mantém maior ou menor proximidade com sua experiência” (p. 330).

Outro ponto importante lembrado por Cardinalli é que, na psicoterapia Daseinsanalítica, a relação terapêutica não é pensada como uma relação transferencial (um aparelho intrapsíquico que transfere afetos para fora de si), “ela é compreendida como a maneira de ser do paciente, isto é, como ele está podendo realizar seu existir nesse momento da sua vida, seja nas suas relações pessoais, seja na psicoterapia” (p. 334). Como visto anteriormente, o ser do humano é para fora de si mesmo no mundo, junto aos outros e, nesse sentido, no conceito daseinsanalítico não faz sentido pensar esse mundo interno *versus* mundo externo, não há lida com um psiquismo para ser explicado, pois o “trabalho não visa a uma estrutura psíquica interna com um mecanismo de funcionamento regido por determinadas leis” (Sapienza, 2007, p. 15).

O mundo se torna fenômeno. Dessa maneira, o(a) psicoterapeuta fenomenólogo(a) deve compreender a essência dos fenômenos da vida diária, à medida que o(a) paciente os experiencia (o seu mundo vivido), revelando-se a partir de uma linguagem singular. Em seu mundo, o humano tem uma trama de significações que sustentam sua existência, afetando-o (seu entendimento é sempre de alguma maneira emocionada), ou seja, comprometem-no afetiva e cognitivamente. “Todas as ideias que temos do mundo, dos outros e das situações de vida mostram a noção que alguém compartilha com outros a respeito delas” (Critelli, 2006, p. 102).

Cada humano responderá de uma maneira muito singular¹⁰ aos momentos de transição, caos ou desorganização, inclusive podendo levá-lo a experimentar um intenso sofrimento existencial (os estados de ânimo revelam como o mundo o afeta

¹⁰ Como explica Critelli (2006), invariavelmente, por meio dos estados de ânimo, nos remetemos a nós mesmos, porque é sempre alguém concreto que sente. Portanto, pelo sentir, estamos entregues a nós mesmos. O outro não sente o que sentimos. “O eu chega pelos estados de ânimo, à mais plena realidade de si mesmo. Por eles, o indivíduo compreende-se como singularidade” (p. 104).

e, dessa maneira, como está e caminha nesse mundo). “As emoções aqui não são entendidas como estados mentais no interior de uma consciência, mas sim o próprio meio de conexão entre corpo-vivido e mundo – não há como dissociar sujeito e situação” (Otoch & Neto, 2022, p. 171): o ser (sujeito) sempre em situação (no mundo).

Critelli (2006) pensa não ser apenas por meio dos estados de ânimo que o humano tem a noção de como as coisas o afetam (ao se sentir amedrontado, saudosos, entristecido), mas também como tem sido ele mesmo neste mundo. “Ontologicamente, o estado de ânimo é um modo de o homem referir-se ao mundo, aos entes, aos outros homens, a si mesmo: é um modo de ser” (p. 103). As emoções do humano revelam como se envolve e entende sua situação no mundo, pois elas falam de coisas diferentes – e até contraditórias – em relação ao que ele pensa. “Através das nossas emoções é que o nosso ser e o ser em geral fazem ou ganham sentido” (p. 103). E, assim, estabelece-se o sentido de ser e das coisas:

[...] começa a se abrir, a se fechar, a se deixar ver, a se definir através de nossas emoções. Ser livre, por exemplo, faz sentido, durante nossa existência, de várias maneiras: **ou quando se está sufocado e se precisa de liberdade, ou quando se quer ver livre dela, ou quando ela incomoda ou assusta, ou oprime.** As emoções não atrapalham nossa informação a respeito do mundo, ao contrário, mas esta precisa de nossas emoções para manifestá-lo em seu ser e em seu sentido. As coisas só chegam a ser reais sobre o trilho do sentido, e todo sentido só aparece através dos estados de ânimo. [...] As emoções dão liberdade, às coisas, aos outros, a nós mesmos, descobrindo-os tal como são numa circunstância, num mundo. Pelas emoções as coisas são descobertas como temíveis, alegráveis, ameaçadoras, sem valor, indiferentes etc. E, ao darmos liberdade ao que e como as coisas são através e nossos estados de ânimo, colocamo-nos disponíveis para sermos tocados pelas coisas assim como foram descobertas. Ao dar liberdade para que as coisas sejam o que são, entramos, por assim dizer em afinção com elas. Esta relação é importante, pois, por exemplo, sem a coisa descoberta como ameaçadora, a possibilidade de se sentir ameaçado, na situação vivida, não existe. (Critelli, 2006, p.103-104, grifo nosso)

A psicoterapia de orientação fenomenológica existencial-hermenêutica, na perspectiva Daseinsanalyse, volta-se para a experiência, para o vivido, em que humano e mundo invocam-se mutuamente, um não existe sem o outro. O sintoma deve ser entendido como um modo de ser-no-mundo, pois cada humano será tocado afetivamente e de maneira muito singular pelos fatos vividos, de modo que a valorização da sua existência se dará por sua sensibilidade emocional de como ele é tocado pelo meio, pela situação e pelo que ainda não existe (futuro). “O foco da

situação terapêutica é a maneira como determinada pessoa está se relacionando consigo mesma, com os outros e com tudo que se apresenta em seu mundo” (Cardinalli, 2005, p. 58), ou seja, é necessário compreender a sua maneira de viver, como ele pensa, reage, percebe e, principalmente, como se sente (sentidos e significados).

A breve exposição sobre esse referencial teórico cumpre a finalidade de oferecer os parâmetros gerais para compreensão de uma experiência terapêutica desenvolvida na abordagem do caso clínico que está exposto, em linhas gerais, na sequência deste texto.

Apresentação do caso clínico

“Mudaram as estações, nada mudou. Mas eu sei que alguma coisa aconteceu, está tudo assim tão diferente. Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre sem saber que o pra sempre sempre acaba?” (Renato Russo¹¹, 1985)

Apresentaremos, a seguir, um relato do primeiro ano de um processo terapêutico desenvolvido com orientação fenomenológica existencial-hermenêutica, iniciado com a chegada da paciente à terapia em vivência de um luto intenso, extremamente fragilizada, trazendo questões importantes relacionadas ao fim do seu casamento e ao seu futuro (pensar sobre si). Além desse sofrimento existencial da paciente, outros fatos, como a pandemia de Covid-19 (que desde o ano de 2020, transformou o mundo), suscitaram fenômenos como o isolamento e a quarentena, que afetaram os aspectos mais pessoais da existência humana, além de desencadear reações emocionais intensas frente à possibilidade da morte (finitude). “Onticamente, existir significa poder ser afetado por tudo e ter de se haver com o que se deu, com o que se dá e com o que pode vir a se dar” (SAPIENZA, 2007, p. 111). Acrescente-se a esse quadro o seu contexto social, que envolve os familiares, os amigos, a perda da identidade (da referência) e o (suposto) papel da mulher na sociedade.

O casamento é uma das tradições mais antigas em nossa sociedade, normalmente associada à imagem do cristianismo, que requer amor, intimidade,

¹¹ Trecho da canção “Por Enquanto”, autoria do cantor e compositor brasileiro Renato Russo (1960-1996), lançada no álbum Legião Urbana, em janeiro de 1985.

fidelidade, compromisso e confiança, entre outras cobranças morais e de comportamento. Essa concepção, cujo rompimento pareceu estar na base do sofrimento trazido pela paciente, pode, ainda, incluir o sonho de se casar e alcançar tudo o que acompanha esse projeto (igreja, véu e grinalda, a conquista da casa própria, filhos, entre outros), tal como é modelado para a época. Cardinali (2016) cita Boss: “Cada época concede, para humanidade, ao ser-aí, uma existência, como um âmbito aberto perceptivo, cujos limites são peculiares a essa época” (p. 74).

A visão de mundo sempre encerra em si a visão da vida. A visão de mundo emerge de uma meditação conjunta sobre o mundo e ser-aí humano; e isso, por sua vez, ocorre de maneiras diversas: expressa e conscientemente junto ao particular ou por meio de uma visão de mundo dominante. Crescemos em uma tal visão de mundo e nos acostumamos com ela. A visão de mundo é determinada pelo entorno: povo, raça, estado, nível de desenvolvimento da cultura. (Heidegger, 2012, p. 55)

Segundo Gonçalves e Almeida (2015), o casamento não é uma simples relação amorosa, pois nele interações mais complexas estão envolvidas e, portanto, mais difíceis de serem dissolvidas. “O todo é maior que a soma das partes” (p. 328). De acordo com o sociólogo Singly¹², quando duas pessoas se unem, surge uma nova identidade, uma nova maneira de se relacionar com o mundo, criando-se um “eu-conjugal”, que poderá ser mantido ou modificado por meio das interações que o casal estabelece. Ainda segundo o pensar do terapeuta Willi¹³, quando duas pessoas decidem dividir suas vidas, por compartilharem histórias de vidas distintas, passam por uma reorganização e reestruturação. Nesse processo, inclui-se o fato de que homens e mulheres são criados e se relacionam com a sociedade de forma muito distinta entre si, por terem percepções diferentes sobre o casamento e o divórcio: “Isso implica que cada um atribui um significado diferente para a mesma palavra” (p. 328). Dessa maneira, é possível pensar que, no processo de separação, “a identidade conjugal construída no casamento vai aos poucos se diluindo, levando ambos os cônjuges a redefinirem sua identidade, que agora não é mais um “eu-conjugal” (p. 328), vivenciando-se uma “morte” em vida:

[...] a separação descrita por Caruso (1989) é citada como uma das experiências mais dolorosas que um ser humano passa, porém, como uma

¹² Em nota, Gonçalves & Almeida referenciam esse pensar de Singly, F.: *Um drôle de je: le moi conjugal. Dialogue*, 1988.

¹³ Em nota, Gonçalves & Almeida referenciam esse pensar de Willi, J.: *A construção didática da realidade. O casal em crise*. São Paulo: Summus, 1995.

experiência por qual todos nós passaremos em algum ponto da vida. É dito que as pessoas vivenciam a separação em diferentes níveis, seja em pensamentos privados, conversas entre o casal e a experiência da separação no contexto social que os circunda. Vivenciar a separação, é vivenciar a experiência da morte em vida. Esta sentença é tão real que o luto complicado, ou seja, o luto patológico com tempo e sintomas muito mais exacerbados do que o normal (sofrimento constante e acentuado), pode ser desenvolvido após a morte de um ente querido, mas também pode ser desenvolvido a partir de um rompimento amoroso. A separação, ou o divórcio da pessoa amada, é tão dolorosa quanto a vivência da morte de alguém importante. Mas sabemos que, apesar do sofrimento existir para ambas as partes, ele é interpretado, elaborado e sentido de maneiras distintas. Homens e mulheres criam estratégias diferentes para lidarem com o sofrimento, como também atribuem significados diferentes a todas as dimensões da separação e/ou divórcio do casal. (Gonçalves & Almeida, 2015, p. 329)

Dalgalarrondo (2019) traz, em sua obra, uma concepção psicopatológica com base na patologia geral e na escola jasperiana, de que os fenômenos agudos ou subagudos, com caráter episódico, classificam-se em crises ou ataques, reações vivenciais, fases e surtos. Sobre o conceito de reação vivencial anormal, o autor afirma:

A reação vivencial anormal caracteriza-se como um fenômeno psicologicamente compreensível, desencadeado por eventos vitais significativos para o indivíduo que o experimenta. É designada reação anormal por causa da intensidade muito marcante e duração prolongada dos sintomas. [...] Após a morte de uma pessoa próxima, a perda do emprego ou a separação conjugal, o indivíduo reage, por exemplo, apresentando um conjunto de sintomas depressivos ou ansiosos, sintomas fóbicos ou mesmo paranoides. A reação vivencial pode durar semanas ou meses, eventualmente alguns anos. (p. 337-338)

Cardinalli (2016) ressalta que Boss, acompanhando o pensamento heideggeriano – os esclarecimentos do ente humano na condição de *Dasein* (de estar/ser no mundo) são mais adequados para entendimentos dos fenômenos humanos –, se posiciona contrário às teorias psiquiátricas e psicológicas, quando elas operam com a noção de determinação causal (pressupondo algo como causa e outra coisa como a manifestação da doença), por considerar que essa noção implica pensar as dimensões humanas do mesmo modo que as coisas inanimadas, os organismos físicos e as engrenagens. Para Boss, “a doença ou o adoecer são pensados como uma maneira de existir que se encontra prejudicada, pois revela restrição da liberdade de alguém em realizar as suas possibilidades de ser” (p. 67). Portanto, para Boss, o sofrimento e as decorrências de situações limites, como a

separação conjugal, são compreendidos como uma maneira de viver que está perturbada, mostrando restrições na realização das atividades cotidianas (dificuldade de manter suas atividades sociais, de lazer e até mesmo as profissionais) que não devem ser entendidas como fatos em si, uma vez que estão situadas em contextos significativos.

Mattar (2022), também acompanhando Heidegger, enfatiza que os chamados transtornos afetivos (como depressão e mania) são referenciados a uma mudança de humor e, de uma maneira geral, associados à alteração de determinadas áreas cerebrais, quando, de certo, toda existência se encontra afetada por essas transformações, considerando também o que se entende como fator cerebral, hormonal, hereditário, genético ou ambiental. Explica ser por isso que o deprimido está em toda parte envolvido na atmosfera do desinteresse e da desistência, pois o mundo vem ao seu “encontro como arrependimento e lamentação do passado, sem sentido, cinzento e nivelado no presente – nada faz diferença – e desesperança do futuro” (p. 545). Portanto, o sono, a afetividade, o apetite, a memória e a concentração também se encontram afetados ao mesmo tempo “porque não são naturalidades fisiológicas. As definições nosológicas segmentam esses fatores analisando a perturbação de cada um deles. Esta divisão encobre o modo de ser como abertura afetiva” (p. 545).

O caso clínico

Laura¹⁴ é uma mulher, branca, 47 anos, cisgênero, nascida em São Paulo, formada em arquitetura, católica, casada (na época) e sem filhos. Sua família de origem é composta por pais e dois irmãos. Seus pais vieram para São Paulo quando se casaram, portanto, a convivência com parentes era restrita às férias. Em relação aos irmãos, fala deles com carinho, refere-se a estar mais próxima do irmão atualmente, pois sente a distância da irmã e dos seus sobrinhos, desde que foram morar no interior do estado.

Desde a sua infância, havia uma atmosfera amorosa no contexto familiar da paciente, no entanto, havia também um quadro de tensão (o medo era uma tonalidade afetiva muito presente em sua existência), motivado pelo modo dual de ser do seu pai – não apenas amoroso, mas também possessivo, autoritário,

¹⁴ O nome da paciente é fictício.

truculento e até agressivo (quando utilizado), muitas vezes levando-a a sentir um nível contínuo de medo, ansiedade e estresse, por ter que corresponder às suas exigências e às de sua mãe, presa ao dever e à obrigação. Tudo tinha que estar em ordem: a casa, os estudos (educação da infância a adolescência em escola jesuíta). Laura é a filha do meio, e desde pequena se acostumou a ser a filha boazinha, que nunca questionava, correspondendo às solicitações como seus pais esperavam, muitas vezes negligenciando seus sentimentos. Encontrava, na comida, um refúgio: a gula era algo que ela não conseguia controlar. Brincava horas com os irmãos, na maioria das vezes montando ambientes de interiores de casas, para compor as brincadeiras com sua boneca, “desde pequena eu sabia que queria ser arquiteta” (sic).

A atmosfera de tensão e o medo por conta do modo de ser do seu pai também marcaram a adolescência de Laura. Sua mãe não trabalhava, era submissa, mas aliada dos filhos, principalmente nos momentos dos conflitos domésticos. Não havia muita abertura para o diálogo e, quando seu pai chegava em casa, tudo era tenso. Muitas vezes, era Laura quem contornava os conflitos relacionais entre eles (mãe, irmãos e pai). Até um simples almoço podia desencadear em conflito: “Cada ser humano carrega em si todos os paradoxos e todos os conflitos que significam existir. [...] sentir o difícil que pode ser conviver com o outro, precisar de proteção e saber de seu desabrigo” (Sapienza, 2007, p. 42).

Na adolescência, sentia-se retraída, como muita dificuldade de expressar seus sentimentos, oprimida pelo temperamento autoritário do pai, sempre afinada no medo: “Tinha muito medo de tudo” (sic). Aos 18 anos, entrou para faculdade de arquitetura. Mas, foi no momento do estágio, que, pela primeira vez, Laura se opôs ao pai. Isso foi uma questão para o pai de Laura, não só por achar que estava falhando no seu papel de provedor financeiro das necessidades de sua família, mas também devido ao seu modo de ser possessivo e controlador. Laura estava irredutível. O conflito foi resolvido com o pai levando-a e buscando-a nos estágios. E foi na faculdade que começou a namorar seu futuro marido, momento também de muita tensão, pois além do medo da reação do pai, tinha medo do sexo, vergonha do seu corpo, medo de engravidar.

Saiu da casa dos pais para se casar, aos 26 anos, momento que relata como tendo sido aquele em que, pela primeira vez, pôde relaxar e entender que vida não precisa ser sob tensão. Seu marido era o oposto do pai, era um homem bom, amável,

sociável, não falava muito, não reclamava, era tranquilo. O casamento veio como uma libertação, seja pelos padrões de controle morais impostos pelo pai, seja pela possibilidade de novas conquistas. Laura relata que ela e o marido, desde o início do casamento, sempre trabalharam muito (um projeto existencial do casal quase que exclusivo na profissionalidade, como chave de sentido) e que percebia uma certa dose desmedida na relação que seu marido mantinha com o trabalho, sem conseguir se desligar, priorizando-o e deixando de lado sua vida social e afetiva. Sente-se marcada pela ausência constante do esposo e pela dificuldade dele em cumprir compromissos cotidianos, pois na maioria dos eventos sociais e de família, a paciente se via sozinha ou atrasada, devido ao modo como seu marido correspondia a esses apelos. Aos poucos, a realização desse projeto foi tendo outro sentido, a sexualidade foi acontecendo sem intimidade, enquanto os projetos profissionais de ambos foram ganhando espaços cada vez maiores (busca por segurança e estabilidade). Sua dificuldade em relação à comida se intensificou, em boa parte pelo sentimento de solidão, causando-lhe sofrimento por estar acima do peso, abalando ainda mais sua autoestima.

Assim, Laura passou a apresentar um comportamento mais conformista com a ausência do marido (solidão) e com sua falta de intimidade e de afeto para com ela, como se suas vidas corresse em paralelo. Apesar da insatisfação com o modo de ser do seu marido, a separação nunca foi uma possibilidade e Laura foi se envolvendo em outros projetos, como obras sociais e de espiritualidade, assumindo compromissos familiares, sempre buscando respostas racionais para o comportamento do marido, que, após o casamento, tornou-se uma pessoa fria e distante, que não priorizava a relação e fazia somente aquilo que lhe interessava. Laura foi mantendo seu casamento, novamente se colocando no lugar da “mulher boazinha”, evitando conflitos, confortada com a familiaridade do seu cotidiano. Até que se deu conta de que suas amigas casadas estavam tendo filhos e a maternidade se abriu como uma possibilidade. Porém, mesmo com todo avanço da ciência, os vários tratamentos fracassaram (traz esse momento da sua existência como um momento de muita perturbação emocional). Apesar da estranheza que relatou ter percebido em relação a si própria, mesmo buscando apoio terapêutico na época, continuou evitando olhar para suas questões existenciais. Esquivar-se de si é se esquivar da disposição afetiva fundamental em Heidegger: a angústia.

Mesmo se sentindo cada vez mais distante do seu marido, “me sinto como uma governanta dele, como uma planta na sala” (sic), Laura continuou sustentando seu casamento (de vinte anos), vivendo como se vive, como todo mundo, agindo como se deve agir, cuidando dos pais, dos sobrinhos, mantendo as famílias unidas, evitando conflitos (como visto anteriormente, no modo denominado por Heidegger como impessoal). Prado (2003) reforça essa compreensão ao explicar que a absorção e a entrega ao impessoal do ninguém pode se manifestar com um “adiar”, postergando um posicionamento mais autêntico em relação ao próprio existir. Ela traz palavras de Heidegger para elucidar “este abandono, é sempre muito sedutor, porque é compreendido como ‘realização’ e ‘vida real e concreta’” (p. 78).

Compreensão do caso

Considerando os aspectos gerais da história pessoal de Laura, procuramos trazer o esclarecimento de algumas dimensões da experiência da paciente, no primeiro ano do seu processo terapêutico, a partir da perspectiva de Boss (de como a paciente em questão, realiza seu existir e a noção de restrição), como exposto por Cardinalli (2022):

1. Como se apresenta a liberdade de realização, considerando os diversos âmbitos do seu viver?
2. Qual é a especificidade de restrições e em quais contextos de sua vida elas se apresentam?
3. Como cada pessoa vive essas limitações?

A procura por atendimento aconteceu uma semana depois que o marido abandonou o lar, relatando ter estado pior no ano anterior, momento em que se se encontrava muito fragilizada. 2020 foi um ano de isolamento e solidão, em que foi afetada por sentimentos da esfera da tristeza, como impotência, aflição, culpa, autodepreciação, infelicidade, tédio e muita tristeza, retida na experiência de ter sido traída pelo marido (fantasma da infidelidade) e, portanto, sob forte restrição existencial.

No primeiro mês do processo terapêutico, as sessões aconteceram presencialmente, duas vezes por semana, devido à necessidade manifestada de a

paciente falar sobre a sua dor: um momento de acolhimento. Os demais encontros passaram a ser uma vez por semana, com Laura se mantendo assídua e aderente ao processo, permitindo a aproximação da psicoterapeuta ao seu mundo.

Sentia-se desamparada, decepcionada, atravessada por afetos como raiva, vergonha, culpa, tristeza, ansiedade, sentimentos de vazio e muito medo em relação ao futuro. Casanova (2017) lembra que todas as relações significativas estão sujeitas ao luto e, quando o luto nos atravessa, o todo se abre em sintonia com tal afinação e nem tudo se revela como possível. Acontece uma mudança na maneira da relação eu-tu e, assim, o sentido da relação e da perda (eu-sem-tu) são de suma importância na compreensão do sofrimento da paciente. “Todo tédio comum, desde logo, inclui aquilo que exprime a própria palavra¹⁵, um sofrer do tempo vagaroso, uma secreta saudade de estar abrigado num lugar familiar tão almejado quando inacessível, ou por uma pessoa querida e distante” (Boss, 1981, p. 17).

A experiência da infidelidade do marido rompeu a familiaridade da vida da paciente, construída durante o longo tempo do seu matrimônio, que englobava seus sonhos realizados e não realizados (maternidade), pressão familiar e da sociedade, perdas e ganhos, alegrias e tristezas etc., pondo em xeque referências significativas de valores e, também, de sentidos. Casamento, para Laura, era projeto existencial.

Com o avanço do processo terapêutico, foi possível para Laura aumentar a sua consciência sobre sua experiência, seus valores e crenças pessoais. A quebra da confiança, do descumprimento do acordo (tipo contrato) matrimonial foi um golpe; e ela se deu conta de que até os projetos mais cuidados podem fracassar. Importante considerar que, em uma sociedade orientada pelo excesso de positividade, que associa sucesso com felicidade, a ideia de fracasso é vista como algo ruim, levando o humano a procurar um nível de perfeição muitas vezes impossível de alcançar.

Nota-se, nos relatos, a busca pela perfeição e por um nível alto de excelência, em que ideias de controle, de ordem e de cálculo seguro atravessam a história da paciente, desde a sua infância. Provavelmente não como efeito do acaso, a perfeição, as medidas, o belo, o conforto e a harmonia também são muito significativos na profissão de Laura.

Quando a paciente buscou terapia, chegou afinada na vergonha em relação ao olhar do outro, visto o modo como o seu casamento se rompeu (a traição do

¹⁵ Boss, em nota, esclarece: em alemão, *Lange Weile*, tempo vagaroso, tempo longo.

marido). Foi preciso quase um ano para ela construir coragem e conseguir falar sobre isso com a família e os amigos. Sentia-se vulnerável, com sentimento de vazio e muito medo do futuro, de não conseguir dar conta da sua existência sozinha, sem o marido. Quando algo falha no mundo funcional (organizado, previsível, controlado) do humano é que a angústia pode despertar e a existência entra em crise, não por ausência de familiaridade, mas por deixar de ser regida pela segurança, produtividade e previsibilidade.

Rodrigues (2019) explica que, além da morte objetiva (finitude), existem outras maneiras de mortes presentes em nossa existência, como a morte de projetos, de verdades, de crenças que, muitas vezes, fazem com que o humano não consiga mais se ver no futuro. A experiência da falência do relacionamento de décadas da paciente fez com que seu futuro se fechasse. “Todas essas possibilidades podem se evidenciar, enquanto possibilidades que são, na abertura privilegiada da angústia, pois, em última análise, ela sinaliza a provisoriade de todas as nossas construções, mostrando-nos que não há certezas absolutas, nem caminhos definitivos” (p.149).

A angústia descrita por Heidegger (2012), no §40 de *Ser e Tempo*, é considerada uma tonalidade afetiva fundamental, porque é na angústia que o *Dasein* se depara com o si mesmo, com o nada de ser (sentimento de vazio mencionado pela paciente). Mattar (2020) afirma que “Estamos entregues aos papéis culturais para não nos aproximarmos do sermos **insignificantes** para nós mesmos, isto é, sem determinação ôntica **a priori**” (p. 67, grifos da autora), e ressalta que [...] buscamos **para nós um papel**, porque nenhum desses preenchimentos nos retira da indigência ontológica” (p. 67, grifos da autora). O cuidado com o marido era o papel identitário de Laura.

Boss pensa que o sentimento de angústia se revela quando a liberdade do ente humano de ser si mesmo se encontra ameaçada e o medo é uma das maneiras ameaçadoras identificadas (ou supostamente identificadas) pelo ente humano sobre uma situação ou algum ente que ameaça sua integridade. “O do que de cada angústia é sempre um ataque lesivo à possibilidade do estar-aí (*Dasein*) humano. No fundo, cada angústia teme a extinção deste, ou seja, a possibilidade de um dia não estar mais aqui” (BOSS, 1981, p.26 e 28).

Durante os primeiros seis meses do processo terapêutico de Laura, o trabalho principal da psicoterapeuta foi de levar a paciente a promover uma abertura maior

da sua perspectiva em relação a si mesma e ao mundo, facilitando uma autoavaliação das suas crenças e valores, sobre o sentido e o significado da palavra “casamento”. O abalo no seu projeto de vida conjugal, causado pela traição do marido, era a condição da sua restrição e da sua angústia, enquanto sofrimento. O cuidado com o marido era o papel identitário de Laura, conferindo sentido e significado para sua existência, ligado a modelos rígidos, verdades cristalizadas (determinações impróprias), como se fossem eternas, de que só estaria protegida e feliz se estivesse casada (o “felizes para sempre”).

Desde que saiu de casa, o marido de Laura manteve-se distante e em silêncio. Não havia retorno aos seus apelos para resolução da separação e esse modo de agir a afetava de maneira significativa. O silêncio e a falta de posicionamento eram opressores: Laura sentia-se abandonada e muito cansada. A terapeuta, sessão a sessão, buscou levar a paciente a entender o significado desse seu movimento passivo e, ao mesmo tempo, encorajou-a à reflexão sobre outras possibilidades de lidar com esse impasse.

Um momento chave do processo terapêutico ocorreu no oitavo mês, quando Laura relatou ter passado a sentir uma certa aversão¹⁶ pelo seu marido e decidiu não mais permanecer passivamente esperando por ele, como sua mãe esperava pelo seu pai. Chamou-o para uma conversa decisiva. O encontro foi frustrante para Laura, pois ele somente chorava, dizendo não querer se divorciar, mostrando-se fragilizado, como ela nunca o havia percebido antes. Novamente, Laura se angustiou e sua escolha pelo divórcio enfraqueceu.

Nesse ponto do processo, a psicoterapeuta perguntou se Laura gostaria de convidá-lo para vir à próxima sessão com ela. Durante os cinco meses seguintes houve a participação do marido no processo terapêutico de Laura, em mais cinco sessões, sendo possível, nesse espaço, que ambos expressassem verdadeiramente seus sentimentos, refletissem sobre as escolhas possíveis. Em uma sessão posterior à última visita dele à terapia, Laura falou sobre um sonho que para ela foi revelador:

16 Bicca (1999) nos explica que o humano autêntico é aquele que escolhe, em certo sentido repetir. E no que se refere à dimensão de inserção que permite transformar sua própria vida, ele faz acontecer e é nesse sentido, histórico, já antes de abraçar qualquer crédito moral-filosófico ou teoria política, basta-lhe a as disposições afetivas “como o espanto, o horror, o asco e a indignação – algumas das Stimmungen que, conforme chama atenção a preleção O que é a metafísica?, são mais inclementes que quaisquer objeções ou refutações “lógicas”. Seu caráter de recusa já tem força que libera toda uma série de possibilidades para o pensamento corresponder, irrompendo em meio às névoas do esquecimento e da indiferenciação” (p. 110-111, grifos do autor).

sonhou estar em um avião, vestida com um macacão de paraquedismo. Em um determinado momento, ela salta, asas se soltam e começa a voar, voar até aterrissar amparada por pessoas vestidas de branco. Ao ser indagada pela psicoterapeuta sobre como sentiu a experiência de se ver lançada em queda livre, respondeu ter sentido muito medo, mas ao mesmo tempo em que o solo se aproximava de seu campo de visão, a sensação de voar deixou de ser temerosa e passou a ser prazerosa, pois sabia que conseguiria pousar. A mensagem do sonho para a paciente estava plenamente à vista. Boss (1979), em sua obra *Na Noite Passada Eu Sonhei...*¹⁷, afirma que o sonho é a experiência mesma da vigília.

Realizar-se a si mesmo. Ao humano cabe cuidar da sua existência, que sabe ser finita, e, portanto, o tempo é uma preocupação, por ser nele (no tempo) que busca se realizar, mas nem sempre sabe como e não tem garantia sobre suas escolhas. Isto ocorre porque em toda escolha permanece o risco de que mais tarde possa existir um arrependimento, pois, no momento da escolha, não há como prever, com absoluta precisão, suas consequências. À Laura, faltava coragem para decidir e para renunciar àquilo que é preciso. “A coragem pode enfrentar a angústia. Onde não há angústia a ser superada, não é preciso coragem” (Boss, 1981, p.33). A vida não é lugar para total realização, comporta também as frustrações, o inesperado, as dores, a desilusão. A vida nos impõe limites.

Quando Dasein compreende, e aceita, que ele é finito, que ele acaba, compreende que não é só no tempo que ele acabará um dia, mas que ele acaba também num outro sentido, isto é, há um limite para o “até onde” ele chega, há um limite para “até onde ele pode”, porque ele não pode tudo. Esse “até onde” não se refere ao espaço físico (isso a Internet resolveria...), mas ao “até onde” vai seu controle. Quando seu poder se amplia e ele consegue coisas antes inimagináveis, por isso mesmo ele penetra em áreas dentro das quais, de novo, haverá sempre algo que ele não pode ter, não pode fazer, não pode ser (Sapienza, 2007, p. 41).

¹⁷ Tradução de George Schlesinger e revisão científica da edição por Solon Spanoudis e David Cytrynowicz. Boss afirma ser a abordagem fenomenológica para a existência onírica não é somente cientificamente viável, como também uma fonte de imenso valor em terapia e chama atenção no sentido de que “a aplicação terapêutica não deve ser confundida com a compreensão fenomenológica dos elementos oníricos na totalidade da sua significação” (p.41, grifo do autor). E reforça que uma coisa é compreender este modo particular do Ser-no-mundo do humano quando sonha, e relatado depois. Outra totalmente diferente é aplicar essa compreensão de forma terapêutica ao sonhador desperto, embora naturalmente a compreensão deva vir antes da aplicação.

Ao *Dasein* também cabe sempre escolher (decidir-se), sejam decisões cotidianas (como o que vestir) ou as mais importantes, como o encerramento de um relacionamento. O fato é que cada decisão (fixar-se em uma possibilidade) traz o peso (responsabilidade) sobre quem ser e consequências. Quanto mais peso tem uma escolha, mais o humano se desespera, pois a dúvida enfraquece o querer e, ao negá-la, restringe. É na relação consigo mesmo (no pensar, no perceber, no querer) que o humano corresponde ao “conjunto de possibilidades de relação que lhe foi dado manter com o que se lhe apresenta na abertura livre de seu mundo” (Boss & Condrau, 1997, p. 29). Ou seja, não há como fugir da escolha.

Casanova (2019), ao abordar o §40 de *Ser e Tempo*, traz uma reflexão sobre decisões, explicando-nos que nelas se consuma a essência do existente “em todos os seus modos de ser, isto é, sendo, o existente coloca em jogo o seu ser, portanto tudo o que é” (p. 107). Há um querer; querer ter consciência e também assumir a culpa da sua nadaidade, ouvir o clamor da sua responsabilidade e ser, em cada possibilidade, o seu poder ser mais próprio (autêntico).

Conquistar o seu poder-ser mais próprio em meio à escuta sempre pronta a uma vez mais angustiar-se à voz da consciência enquanto clamor do cuidado que abre a possibilidade de, no cerne do acontecimento da decisão, antecipar o tempo finito de ser a culpa que não se tem, mas se é, *não é outra coisa senão descobrir a possibilidade de superar a dispersão no impessoal e de se conquistar radicalmente como ser temporal, ou seja, como ser que precisa ser todas as suas possibilidades de ser no tempo finito de ser de cada uma das possibilidades* (Casanova, 2019, p. 110, grifo nosso).

Considerações finais

Pensar no curso das águas de um rio poluído pode nos ajudar a compreender a experiência terapêutica de Laura nesse primeiro ano do seu processo terapêutico, em que, sessão a sessão, a paciente pode aos poucos ir afastando o entulhamento em que se prendia nas correntezas de suas águas e voltar à nascente (voltar-se a si). Essa reflexão retrata a compreensão do existir humano no pensamento heideggeriano, tratado neste artigo, pois sendo o ser do *Dasein* um vir-a-ser, correspondendo aos apelos de/para ser que lhe vêm ao encontro (decerto que em algumas situações negando, aceitando, incorporando, afastando...), sempre cabe ao *Dasein* fazer escolhas para o seu vir-a-ser (seu destino), do cuidado com sua

existência (cuidado de si), em uma experiência que sempre se dará na impessoalidade, como uma maneira de fugir do apelo do vir-a-ser mais próprio, das escolhas de sua vida. A interrupção da familiaridade da vida de Laura, com a traição do marido, a fez experienciar um intenso sofrimento existencial, restringindo sua vida cotidiana (restrição da sua abertura ao mundo). Ao angustiar-se, abriu-se a possibilidade de a paciente, durante o seu processo terapêutico, confrontar-se com seus modos de ser, modos de pensar, construídos a partir de determinados modelos e verdades alinhados ao seu tempo e poder dar um outro olhar (sentido) para a mesma palavra – divórcio. Isso lhe proporcionou uma autoconsciência das possibilidades perdidas e da necessidade de viver o agora, com uma atitude mais autêntica em relação a si própria, sendo mais verdadeira no confronto com as situações da sua existência e de poder decidir o que lhe convém ser e fazer, exercendo, assim, a sua liberdade de escolha.

Facilitar, à paciente, o resgatar o seu horizonte de liberdade, aceitar-se (como é), o querer-se (a si mesmo), o sentir-se e o escolher-se também são grandes finalidades do encontro psicoterapêutico, encontrados no pensamento de Medard Boss. Para o libertar-se do *Daisen* acontecer, ele precisa decidir-se em favor de si mesmo.

Assim, Laura abre-se ao poder ser que ela é (sem tantas restrições ao apelo do futuro), procurando cuidar do que foi escolhido, encarregando-se e responsabilizando-se pela decisão do divórcio. Laura segue em terapia, em uma fase de reorientação, em que ela vai assumindo as rédeas de ter de ser, que cabe somente a ela. Amanhã já é outro dia.

Referências Bibliográficas

- Bicca, L. (1999). *O mesmo e os Outros*, Rio de Janeiro, RJ: Ed. Sette Letras.
- Boss, M. (1981). *Angústia, Culpa e Libertação: ensaios de psicanálise existencial*; tradução: Barbara Spanoudis – São Paulo, SP: Ed. Duas Cidades,
- Boss, M. & Condrau, G. (1997). Análise Existencial - Daseinsanalyse. *Revista Daseinsanalyse*, São Paulo, n. 1,2 e 4, pp. 23-35. ABD - Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Cardinalli, I.E. (2005). As contribuições das noções de ser-no-mundo e temporalidade para a psicologia daseinsanalítica. *Revista Daseinsanalyse*, São Paulo, n. 14, p.55 a 63. ABD - Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Cardinalli, I.E. (2016). *Transtorno do estresse pós-traumático: uma compreensão fenomenológica-existencial fenomenológico-existencial da violência urbana* São Paulo, SP: Ed.Escuta.
- Cardinalli, I. E. (2022). Daseinsanalyse clínica e Medard Boss. *Fundamentos de clínica fenomenológica* / editores Guilherme Messas, Melissa Tameline – 1 ed. – Santana de Parnaíba pp. 324-335, SP: Ed. Manole.
- Casanova, M.A. (2017). *Mundo e Historicidade: leitura fenomenológica de Ser e Tempo: volume um* - Rio de Janeiro, RJ: Ed. Via Vérita.
- Casanova, M.A. (2020). *Mundo e Historicidade: leitura fenomenológica de Ser e Tempo: volume dois* - Rio de Janeiro, RJ: Ed. Via Vérita.
- Critelli, D.M. (2006). *Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica* – São Paulo, SP: Ed. Brasiliense.
- Dalgalarrodo, P. (2019). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais* - 3ª edição, Porto Alegre, RS: Ed. Artmed.
- Feijoo, A.M.L.C. (2000). *A Escuta e a Fala em Psicoterapia: uma proposta fenomenológica-existencial* – São Paulo, SP: Ed. Vetor.
- Ferreira, L.S.M. (2009). Entre a Fenomenologia e a Hermenêutica: Uma perspectiva em psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestálica* – XV(2): 143-148, jul-dez. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v15n2/v15n2a10.pdf>
- Gonçalves & Almeida. (2015). Um panorama atual acerca do divórcio e das separações amorosas. *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois.* / Thiago de Almeida, org., v. 3. São Paulo: Ed. Polo Books, pp. 325-353.
- Heidegger, M. *Ser e Tempo*. (2012). Tradução e notas: Fausto Castilho - Campinas, SP: Ed. Unicamp; Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.

- Mattar, C.M. (2022). Tonalidades afetivas, sofrimento e clínica psicoterápica. MILHANO, Â. H. F. Chohfi, L., & Provinciatto, L. G. *Entre Mundos-Liber Amicorum* para Irene Borges-Duarte.
- Mattar, C.M. (2021). *Depressão: ou fenômeno epocal?* – ed.1 - Rio de Janeiro, RJ: Ed. Via Verita.
- May, R. (2000). *A Descoberta do Ser: estudos sobre a psicologia existencial*; tradução: Claudio G. Somogyi – Rio de Janeiro, RJ: Ed. Rocco.
- Otoch, L. N. e Neto, R. F. (2022). Anorexia Nervosa. *Fundamentos de clínica fenomenológica /* editores Guilherme Messas, Melissa Tameline – 1 ed. Santana de Parnaíba pp. 168-174, SP: Ed. Manole.
- Prado, M.F.A. (2003). Estresse sob o ponto de vista da Daseinsanalyse. *Revista Daseinsanalyse*, São Paulo, n. 12, pp. 69-83. ABD - Associação Brasileira de Daseinsanalyse.
- Sapienza, T.B. (2007). *Do Desabrigo a Confiança: Daseinsanalyse e terapia* – São Paulo, SP: Ed. Escuta.
- Schmidlin, R.E. (2018). *Fundamentos de Psicopatologia Fenomenológica e Daseinsanalyse* – Belo Horizonte, MG: Ed. Initia Via Editora.
- Seibt, J. (2012). O pensamento de Heidegger na psicologia existencial de Boss e Binswanger. *Temas em Psicologia*, Vol. 20, nº1, pp. 203-215. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751439014>
- Tonin, J. (2015). A socialidade impessoal do Dasein na analítica existencial de Ser e Tempo. *Kinesis*, Vol. VII, nº15, pp. 60-74. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/57>